

A Teleaula voltada aos Estilos de Aprendizagem: Uma nova proposta Pedagógica.

Milton JB Sobreiro
Faculdade Educacional da Lapa - FAEL
Lapa - Paraná - Brasil
miltonsobreiro@yahoo.com.br

Resumo

Em Educação a Distância, a teleaula se configura como uma de suas ferramentas de maior importância, mas no tocante à sua estrutura didática, têm-se produzido com uma linguagem que não se adequa ao meio, o que a faz gerar uma mensagem melhor absorvida por indivíduos que possuam como estilo de aprendizagem sensorio preferencial, o auditivo. Este trabalho, baseado em pesquisa onde se levantou o estilo de aprendizagem sensorio em um universo de cem acadêmicos nesta modalidade, se propõe a apresentar uma nova forma de abordagem quanto à produção estético-pedagógica deste recurso. Para tanto, tomou-se por base a Teoria da Comunicação, Estilos de Aprendizagem e a Educomunicação, uma ciência que vem a amalgamar duas outras já conhecidas, a saber, a Educação e a Comunicação.

Palavras-Chaves: estilos de aprendizagem, comunicação, educomunicação, teleaula

Abstract

In a long distance education, the "teleaula" (TV classes) sets up as one of the most important tools, but in terms of structure didactic, it has been produced in a language not suitable in the middle which we live in, what makes it generate a message better adsorbed by individuals as having sensory learning style preference. The auditory system. This work, based on research which raised the sensory learning style in an academic world of one hundred scholars in this method, is to introduce a new way of aesthetic and educational resource. Therefore, was taken as base the communication theory, learning styles and educommunication, a science that comes to amalgamate two other theories already known, namely, education and communication.

Key Words: Learning styles, communication, educommunication, and "teleaula" (TV classes).

1. Introdução

Este artigo está baseado no Estudo de Caso com o mesmo título preparado como projeto de conclusão do curso de Especialização em Educação a Distância: Tutoria, Metodologia e Aprendizagem.

O objetivo do presente é, a partir do levantamento dos Estilos de Aprendizagem em um universo de cem estudantes, de cursos de Graduação e Especialização na modalidade a distância semipresencial, fazer uma análise da estrutura didática das Teleaulas apresentadas. Para tanto, não se perde de vista sua pertinência no tempo, o pós-modernismo, e no espaço, as telessalas do Brasil. Seu embasamento teórico apóia-se em um tripé conceitual, formado inicialmente pela teoria da Comunicação e seus elementos constitutivos; seguida pelos Estilos de Aprendizagem, a partir das Inteligências Múltiplas e

interferências neurolinguísticas; e pela Educomunicação, uma nova ciência que se faz com uma simbiose entre duas ciências conhecidas: Educação e Comunicação.

Partiu-se da observância da Teleaula e sua didática, eminentemente preparada para alunos com características auditivas mais acentuadas em seus estilos de aprendizagem. Tal fato é evidenciado pela aula ser apresentada por professores enquadrados em plano americano, durante a maior parte do tempo, enquanto explanam o conteúdo a ser trabalhado, e ao serem exibidos os apoios de slideshows, estes não permanecem durante a sua explicação, mas são fixados, apenas enquanto se faz a leitura de um de seus itens, sendo rapidamente trocada, a imagem, pelo retorno do docente e sua fala.

Este artigo apresentará uma reflexão teórica acerca de cada componente do tripé conceitual supracitado, assim como a metodologia empregada com o questionário de averiguação dos Estilos de Aprendizagem aplicado, além de sua análise de resultados. Por fim, uma discussão, com base na Educomunicação, apresenta sugestões para a reformulação didática da Teleaula, a fim de atender ao maior número de alunos possível.

2. Teorizando o Assunto

Para que se possa contextualizar os resultados da Pesquisa de Campo na busca de uma visão crítica sobre a Teleaula, se faz necessário uma teorização nos elementos inerentes ao planejamento estratégico desta importante ferramenta de Educação a Distância, alvo deste estudo.

Serão expostos, na sequência, alguns embasamentos teóricos sobre os quais serão construídos os alicerces para a apresentação de sugestões afim de tornar a didática empregada nas Teleaulas mais abrangentes quanto aos Estilos de Aprendizagem Sensoriais, ou seja, Visual, Auditivo e Sinestésico.

2.1. Teoria da Comunicação

Visto que estamos tratando de uma aula, não importa a dinâmica empregada, há um conteúdo a ser ministrado e através da interação aluno-aluno-professor deve acontecer a construção do conhecimento. Por tanto, um processo comunicativo estará em andamento. Afim de que esta comunicação seja efetivada com eficácia se faz importante conhecer os elementos constitutivos desta Ciência da Comunicação, para tanto se recorre à Roman Jakobson (1973) quando o linguista afirma ser a linguagem uma construção social da humanidade através do tempo, complementado por Pimenta (2007), instrumento principal da Comunicação. O publicitário Duda Mendonça afirma que a Comunicação, não é o que se disse ou se desejou dizer, mas o que o outro, o ouvinte, consegue interpretar do que foi dito. Vai além ao afirmar que a Comunicação é definida por todas as formas que uma mente afeta a outra, ampliando o espectro da definição, inserindo a possibilidade de recursos no ato de comunicar.

Tratar da Comunicação impõe compreensão de seus elementos, partindo do emissor e passando por todos os demais até o retorno a este. Com ele, o processo comunicacional inicia a partir da emissão de uma mensagem objetivando algo específico. O emissor possui quatro atributos, onde o primeiro é o da visibilidade, que irá determinar se é percebido enquanto o real emissor da mensagem, este atributo poderá interferir na importância dada à mensagem

pelo receptor. Na sequência temos a credibilidade, intimamente ligada à visibilidade, denotando autoridade, conhecimento e confiabilidade. O terceiro da lista é o poder, determinando premiação ou repreensão produzida pelo emissor sobre o receptor. Finalmente a afinidade como atributo de conferir similaridade, familiaridade e lealdade ao emissor da mensagem.

Avançando nos elementos da Comunicação teremos a mensagem, um conjunto de elementos de percepção, determinante das relações e estado interior do emissor, segundo visão de Cullman, citado por Wall (2006). Desta feita, há um certo grau de imprevisibilidade nela contido que pode vir a gerar mudanças no comportamento do receptor. Assim, ao elaborar uma mensagem, o emissor deve atentar que além de seus objetivos, o receptor possui modelos mentais e um repertório semântico a ser respeitado.

Para a elaboração desta mensagem o emissor vale-se de um Código, o terceiro elemento de Comunicação a ser tratado no esquema supracitado. Este deve ser inerente a um sistema simbólico conhecido, ao menos parcialmente, pelo receptor, seja verbal, gestual, sonoro, icônico... Uma preocupação que precisa ser constante é a de que esse código simbólico utilizado deve ser familiar ao seu receptor.

Definido o teor da mensagem e esta codificada pelo emissor é hora da escolha do meio por onde transitará a mensagem até seu destino, o receptor. Esta escolha deve levar em consideração o público a quem é direcionada a mensagem. Assim podem-se observar três situações distintas. Na primeira, tem-se a comunicação um-a-um, ou seja, de um emissor a um receptor. Um encontro, uma carta, um e-mail, um chat, um telefonema. No segundo caso, quando ocorre de um para vários, que podem ser resumidos em um pequeno grupo, mas podem ser toda uma população, onde se caracterizará a comunicação de massa, utilizam-se os veículos de comunicação, ou *mass media*, denominados pelos frankfurtianos, Adorno e Horkheimer. A comunicação se torna muito mais delicada em seu trato. Wall (2006) cita as “Sete Dimensões de Crane” que consubstanciará cientificamente a escolha. A primeira é a da Seletividade, onde se buscará atingir um determinado seguimento de público; a intrusividade fica em segundo lugar, quando se trás para o grupo aquele que não procura esta informação, mas interessa passar; na sequência, na terceira posição tem-se a Modalidade Sensorial, ligadas aos sentidos a serem ativados pelo veículo de comunicação, seja ele visual, auditivo, áudio-visual, tátil, etc; na quarta dimensão vem a Relação Temporal, que leva em conta o imediatismo da mídia a escolher, uma mensagem sonora pode ser recebida no momento de sua emissão, o que já não ocorre com a impressa, esta depende de todo um trâmite desde o momento de sua concepção até o de sua entrega ao receptor; Permanência é a quinta dimensão, permitindo ao receptor, por iniciativa própria ter a comunicação repetidamente; a sexta dimensão trás consigo os Códigos Admitidos, afinal, os símbolos devem ser adequados aos meios de transporte, não se transmite uma mensagem sonora, ainda, em uma página de revista; finalizando as sete dimensões chega a vez da Universalidade, quando o número de pessoas atingidas é levado em conta pelo emissor para produzir a comunicação.

Em contrapartida há, sempre, o risco de interferência na Comunicação no momento de codificação da Mensagem. Este pode ocorrer tanto por ruído, quanto por redundância. O primeiro, ao interferir nos símbolos da codificação,

deteriora a mensagem, já o segundo caso, embora alguma redundância a reforce, mas quando é em exagero pode trazer confusão e ser prejudicial ao entendimento por parte do receptor.

Chegamos ao Receptor, enquanto elemento constituinte da Comunicação. Trata-se de um indivíduo ou ao público alvo, a quem a mensagem é endereçada. Assim pode-se categorizá-lo quantitativamente. Pode ser um indivíduo isolado, um pequeno grupo com integrantes que possuem características em comum e interação entre si; organizações, onde o comportamento individual é condicionado à posição ocupada ou pelo papel social desempenhado; por fim, os agregados, conjuntos maiores ou menores de indivíduos que desfrutam de um maior ou menor grau de interação não generalizada e que serão comumente atingidos pela *mass media*.

O último elemento é uma tríade. Ação-Emoção-Informação. Assim a Comunicação objetiva levar o receptor a uma ação, despertando nele uma emoção ao informá-lo algo.

Outros modelos de Comunicação existem, mas o de Roman Jakobson trás em seu esquema a associação com funções de linguagem. O seu modelo inicia, também com um emissor enviando uma mensagem a um destinatário, esta mensagem precisa ser codificada e se valer de um veículo de transmissão, mantendo conectados, em comunicação, emissor e destinatário. O que esta visão tem de complementar é a associação que Jakobson faz dos elementos da Comunicação com Funções da Linguagem. Estas irão determinar a estrutura verbal de uma Comunicação, dependendo do pendor a algum de seus elementos. Se tender ao contexto da mensagem a função será reconhecida como Referencial, também chamada de denotativa ou cognitiva, por ser objetiva e informativa em sua essência. Caso o centro esteja no emissor, a função utilizada será a Emotiva ou expressiva, demonstrando a intencionalidade de quem fala em relação ao tema exposto. Assim as emoções se deixam transparecer - melancolia, ironia, surpresa, ira, etc. Imperativo e vocativo, marcas da função Conativa, referencia o destinatário. Não podem ser questionadas como as sentenças declarativas. Por serem ações a realizar não podem passar pelo teste de veracidade, da mesma forma que uma assertiva. Jakobson recorre ao antropólogo Malinowski que associa a Função Fática, por este nominada, ao estar a mensagem centrada no veículo de Comunicação. Ela tem o objetivo de garantir que não se perca o elo da comunicação. De outra feita, o discurso pode estar focado no código escolhido pelo emissor para tratar a mensagem afim de que seja inteligível ao destinatário, aí se tem a Função Metalinguística. Trata-se da confirmação entre as partes de que o sistema simbólico da codificação pelo emissor é o mesmo da decodificação pelo destinatário.

Pimenta (2007) trabalha essa questão codificação-decodificação e apresenta a classificação de Bordenave (1998), classificando os códigos em Analógicos e Digitais. No primeiro grupo alinha os signos que possuem significantes juntos aos seus significados, ou objetos referentes - fotografias, desenhos, esculturas, pinturas realistas, onomatopéias, etc. Em um segundo grupo, introjetado na classificação de digitais, estão aqueles em que os signos não guardam diferença com seus significantes. Seguindo o raciocínio, Pimenta subdivide os códigos em outros dois subgrupos, abertos, ao possuírem mais de uma decodificação para um mesmo significante, ou mais de uma resposta possível;

em outro subgrupo temos os códigos fechados, onde, em contrapartida ao primeiro, possui apenas uma decodificação possível.

Por fim, quando o pendor da mensagem está nela própria estamos diante da Função Poética, assim denominada na arte verbal. Seu estudo extrapola o âmbito da poesia.

2.2. Estilos de Aprendizagem Sensoriais: Várias formas de Ensinar a Aprender

Varela (1993) remete à necessidade de um estudo mais aprofundado da questão cognitiva. O conhecer tais processos propicia desenvolver um conceito de Teleaula que atinja, com eficácia, os mais distintos estilos de aprendizagem, inerente a cada acadêmico, enquanto indivíduo inserido em um grupo social com suas características culturais próprias, mais especificamente, antropolinguísticas. Por isso é preciso perceber a mente do indivíduo no processo de conhecer - continua ainda, o Educador - observando sua práxis na sociedade onde está inserido.

Neste ponto vale a construção de uma ponte teórico-histórica que tem em um determinado ponto Nietzsche postulando um “Eu” desprendido do mundo, embora a ele incorporado, que, segundo Heidegger, este mesmo “Eu”, por estar no inserido mundo atua em seus mais variados âmbitos, ainda o “eu” percebedor deste mundo onde está inserido e os fenômenos percebedores são dependentes de um corpo que se relacione, atuando por estar acoplado ao mundo, conforme Merleau-Ponty. Em síntese, segundo Michel Foucault, o “Eu”, formado histórico-socialmente, que é proveniente de um conjunto de regras e relações atuantes em seu escopo, será transformado em sujeito do conhecimento.

A síntese foucaultiana embasa a compreensão de um “sujeito acadêmico” a quem é apresentada a Teleaula. Indivíduo gerado pela sua relação histórico-social no grupo de formação, permeado, antropolinguisticamente, por conceitos advindos desta práxis. Esta teorização deve exteriorizar, naturalmente, do docente a partir do momento da elaboração da Teleaula. Regionalismos existentes em um país com dimensões continentais como o Brasil, ou em um âmbito mais elástico, como o caso da América Latina, onde, embora em grande parte de origem hispânica, possua particularidades nacionais, peculiaridades linguísticas distintas.

O professor Howard Gardner, popularizado nos meios acadêmicos pelos seus estudos sobre Inteligências Múltiplas, define inteligência, em seu primeiro livro datado de 1985, como sendo uma habilidade para resolver problemas ou criar produtos valorizados em algum cenário cultural. Esta definição foi, posteriormente reformulada, quando de seu livro “Inteligência - Um conceito reformulado” (2000), para afirmar que a inteligência é um potencial biopsicológico para processar informações a serem ativadas em um cenário cultural com a finalidade de solucionar problemas ou criar produtos valorizados socialmente. Assim, introduz o processamento de informações, característica fundamental para o desenvolvimento cognitivo do indivíduo.

Com vistas às Inteligências Múltiplas, no que se refere a tratamento de um método para disponibilização de conteúdo, em nosso caso a Teleaula, se faz necessário atentar à importância de buscar a comunicação com o maior número de alunos, é imperativo que a eficácia seja a mais abrangente possível.

Assim o professor conteudista precisa planejar a melhor forma de abordar o assunto ao preparar a aula.

O próprio professor Gardner, enquanto postulador das Inteligências Múltiplas, não as vê enquanto objetivo adequado à Educação, mas auxílio à boa Educação, ao lhe serem estabelecidos objetivos reais com independência. Sendo assim, as IM servem ao aluno no intuito de facilitar-lhe alcançar alguns papéis adultos, valorados socialmente - poetas, com sua Inteligência Linguística; escultores com o desenvolvimento da Inteligência Espacial; musicistas trabalhando a Inteligência Musical; se a intenção for formar um cidadão para relacionar-se com a sociedade, a prioridade é dada às Inteligências Pessoais.

A interação com o mundo em que vive socialmente dará ao homem condições ambientais, genéticas e neurobiológicas para o desenvolvimento de suas inteligências, que possuem formas específicas de processamento de informações a partir de um sistema simbólico próprio, assegurando o contato entre a cognição e a diversidade de papéis e funções sociais. (GAMA, 2008).

Howard Gardner aponta três abordagens baseadas nas IM para que um professor possa preparar seus conteúdos pedagógicos, buscando atingir, com maior eficácia um maior número de alunos - Ponto de Entrada, Analogias e Chegando ao Núcleo.

Para o Ponto de Entrada, Gardner trabalha em cima de sete inteligências, a saber - Narrativa; Quantitativo-Numérica; Lógica; Fundamental/Existencial; Estético; Mão na Massa e Social. Quando o aprendiz tem uma maior evidência na Narrativa, o que lhe atrairá para o aprendizado serão as histórias, enredos, contato com protagonistas, conflitos, problemáticas para desvendar, objetivos a atingir e tensões para resolver. Se o perfil do aluno é mais voltado para o lado numérico se faz necessário planejar formas de apresentação do conteúdo com representações numéricas, padrões, proporcionalidades, tamanhos, razões, e mais artifícios similares. Quando a inteligência é a lógica, o aluno tem em seu poder dedutivo maior característica conectiva, acontecimentos e conceitos podem lhes ser apresentados por silogismos. No caso de ser percebida a inteligência Fundamental/Existencial, tem-se que trabalhar com referência às questões existencialistas, “quem somos”; “de onde viemos”, lançar mãos dos mitos, Arte e Filosofia, podem ser excelentes ferramentas didáticas. Mas há aqueles que o senso estético está no alto de suas inteligências, neste caso, equilíbrio nos planos visuais, harmonia de formas, cores e disposições na composição do suporte do assunto tratado. Alunos Mãos na Massa usam o corpo como instrumento de aprendizado e precisam de um envolvimento integral, uma verdadeira possibilidade de imersão no objeto de estudo, para estes as maquetes, manipulações de materiais, texturas, formas, tamanhos, assim como as temperaturas, ou seja, tudo aquilo que lhe trazer uma informação tátil. Por fim, mas não menos importantes, são os que gostam de estudar em grupo, característica marcante da inteligência Social. O interagir social no assumir diversos papéis, os tornarão mais ativos em uma complementação mútua no processo de aprendizagem colaborativa.

No que toca à abordagem por Analogias, elas têm por finalidade clarear alguns pontos que podem ter permanecido obscuros. Nesta, professor e alunos são constantemente desafiados a apresentarem analogias instrutivas, sempre

com olhos nos conteúdos a serem estudados. A mediação do professor se faz imperativa, visto que este não permitirá que as analogias não acabem por conduzir o grupo a erros. As metáforas podem vir a trazer muita luz aos novos tópicos.

Mas se o docente assumir uma abordagem que o faça chegar ao núcleo, buscando compreensão nas questões centrais do problema, terá nela um grande desafio de ensino, sendo essencial que para atingir este ponto perpassa os anteriores processualmente.

O ser humano, a partir de suas características psicológicas e biológicas, colocados em contato com seu grupo social, forma sua cognição. Por serem tão diversas as possibilidades de intensidades nas combinações entre as Inteligências Múltiplas, se torna quase impossível montar uma fórmula para produzir uma determinada abordagem. Soma-se a esta premissa a de que os currículos ainda são, apesar dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), engessados, e arbitrados por legislações construídas, basicamente, em gabinetes alheios à realidade escolar. Leva-se, ainda, em conta a diversidade, em seus mais amplos espectros de contextos sociais inerentes à maturidade, a interação entre os pares e a própria origem social, componentes de uma sala-de-aulas, presencial ou telepresencial, esta última, foco maior deste trabalho. Estes argumentos reforçam a necessidade de o docente ter a preocupação em tratar cada assunto a ser apresentado com sua abordagem particular, considerando nesta elaboração as suas idéias nucleares, suas redes conceituais, as questões inerentes, assim como sua problemática, susceptibilidades e erros conceituais. O objetivo final, sempre é o de levar o discente a uma vivência de compreensão a fim de possibilitar-lhe representar, tais características nucleares, através das mais distintas formas. Ele deve poder valer-se de toda a diversidade dos sistemas simbólicos dominados, escolhendo o que crê ser o mais adequado para a sua representação. Assim, esta vivência da compreensão será assegurada quando o aprendente puder retratar as características dos tópicos em estudo de várias maneiras, através de múltiplas abordagens que contemplem e explicitem a maior gama possível de inteligências, habilidades e interesses. (GARDNER,2000).

Ao docente cabe explorar um conjunto de abordagens pedagógicas, optando pelos mais adequados pontos de entrada, analogias, exemplos e metáforas buscando atingir o maior grupo de alunos possível, promovendo desenvolvimento das múltiplas representações e ofertando um leque de oportunidade de vivência e colaboração.

A Educação passou por diversos momentos, postulados e propostas, como a Educação Tradicional, Escola Nova, Construtivismo, Escola Tecnicista, Histórico Crítica ou Libertária, mas, no Brasil atual, ainda persiste, principalmente na Educação Pública, a resistência às transformações, o medo social pela alteração do status quo, assim, a Educação precisa ser reprodutivista das estruturas sociais, mantendo o modelo de Educação Tradicional, chamada pelo Educador Paulo Freire de Educação Bancária. Professores como donos plenos do conhecimento e os alunos, meros receptáculos dos depósitos docentes.

Contraopondo-se a este modelo, mesmo sem ser “percebido” pela Escola brasileira, temos as transformações, extremamente rápidas do mundo contemporâneo, pós-moderno com suas constantes desconstruções e

reconstruções, principalmente no que concerne às tecnologias, influenciando diretamente as da Comunicação, conseqüentemente as da Informação. Em princípio, tinha-se a comunicação oral, produzida no interior de grupos sociais, dependendo para sua disseminação da existência de algum relacionamento pessoal entre os membros destes, mantendo assim, uma disseminação muito lenta do conhecimento. Com o advento da escrita, além dos conhecimentos produzidos ganharem um suporte de registro, estes poderiam ser disseminados com maior exatidão, pois da mesma forma que foram produzidos e registrados seriam distribuídos para outros indivíduos de grupos sociais distintos. Nesta mesma alavancagem que vem com a escrita, a criação da Imprensa, através do tipo móvel de Gutemberg, e permite que o conhecimento registrado seja reproduzido com maior eficiência que a dos escribas e copistas, ampliando, mais ainda o leque distributivo deste. Veio a eletricidade, com ela um salto importante neste histórico, o telégrafo já rompia as distâncias com impressionante velocidade para a época, sucedido pelo rádio veículo de suma importância à circulação quase que imediata da informação. O rádio ganha imagem e chega a TV que, além de falar, mostra a informação, de forma real, embora, inicialmente, sem a velocidade de produção do rádio. Na era do satélite, esta diferença de tempo passa a ser, praticamente nula. Mas foi com a vinda da era digital, desenvolvida para a segunda guerra mundial, embora nela não usada, com a montagem do ENIAC, que o conhecimento ganha um aliado que se tornaria, a cada dia que passa de importância fundamental, o computador. Nele já se podia armazenar uma infinidade de informações, cruzar dados, pesquisar com maior eficácia... mas ao interligar este à uma malha telefônica de âmbito mundial, cria-se a rede mundial de computadores, com o que se derrubaram as fronteiras. Hoje o conhecimento é disseminado com velocidade digital, quase que instantânea, além de permanecer à disposição nesta imensa teia comunicacional gerada pela Internet, de formas síncronas ou assíncronas, dependendo do ambiente em uso.

Todo esse crescimento e desenvolvimento das comunicações levaram o homem a precisar se adaptar quanto à sua aprendizagem, de forma diretamente proporcional às alterações produzidas nos meios físicos, ambientais, cognitivos, afetivos, culturais e sócio-econômicos. Agora, mais do que nunca ele passa a precisar observar mais o mundo que o cerca a fim de interpretar essa quantidade informativa que lhe é apresentada, selecionar e organizar esses dados, para tanto precisa construir um modelo organizador próprio e individual. Mesmo vivendo e interagindo socialmente, estudando ou pesquisando em grupo, suas percepções são individuais.

Professores e alunos precisam reconhecer as possibilidades abertas às estratégias de aprendizagem. Estas servem para minimizar alguma incompatibilidade existente entre a forma de apresentação e as situações de aprendizagem destas informações. O Educador Gilberto Teixeira (2008) particiona as Categorias de Aprendizado em Modalidade e Dominância Cerebral. A primeira define qual a forma de compreensão de uma informação nos é mais facilitada, e a segunda, como organizamos e processamos as informações disponibilizadas. Desta feita, os Estilos de Aprendizagem afirmam-se como a combinação entre a organização e processamento desta informação. Lopes da Silva e Magno e Silva (2008) colocam que os Estilos de Aprendizagem são características particulares de cognição, e auxiliam na

escolha de maneiras mais privilegiadas para cada indivíduo. As autoras apresentam, entre outras, a definição de Dum e Griggs que vêem os Estilos de Aprendizagem a partir de características biológicas ou instaladas contextualmente e que são responsáveis por fazer uma metodologia de ensino ótima para uns e terrível para outros. Cada indivíduo possui uma maneira preferencial de estudo por ser dotado de características intelectuais mais voltadas a determinado Estilo de Aprendizagem. A fim de distingui-los se faz necessário observar as características sensoriais do indivíduo, através das quais este se apoiará a fim de captar, organizar, processar e armazenar as informações. Olhando-os por suas características sensoriais, como supracitado, os Estilos de Aprendizagem podem ser percebidos em três formas: visual, auditivo e sinestésico. O primeiro quando são privilegiados os aspectos espaciais; o segundo, simbólico verbais e o terceiro aos motores.

Uma leitura de “Processamento Auditivo: Fundamentos e Terapias”, de Ana Maria Alvarez, pela Editora Lovise, trás à tona uma série de características em cada Estilo de Aprendizagem. Ao observar a maneira que cada um tem preferencialmente para aprender aponta o visual como alguém que aprende vendo, criando imagens dos estímulos visuais que recebe; já os auditivos, são os que ouvindo montam história com as mesmas informações; por último, os sinestésicos precisam guiar-se pelas experiências motoras, logo, precisam realizar algo. Em contrapartida, o que distrai a atenção de um visual são estímulos visuais conflitantes ou em grande quantidade; aos do segundo grupo, a distração pode ser provocada por ruídos de fundo, estímulos auditivos transmitidos de maneira muito rápida, obrigando-os a convertê-los em informações sensoriais em curto espaço de tempo; já os sinestésicos, estímulos visuais e auditivos simultâneos ou conflitantes o deixam sem saber agir. No que tence ao processamento da informação, o visual, que pensa em ritmo rápido, tende ao devaneio; o auditivo pensa em velocidade moderada; já o sinestésico, move o olhar para baixo e precisa de mais tempo para a ação. O visual interage com o ambiente verificando o que ocorre ao seu redor; o auditivo, sem atentar às modificações que ocorrem ao seu redor, atenta-se aos sons e falas ali existentes; mesmo parecendo alheio ao que ocorre em torno, o sinestésico, focado em si, é consciente do clima que o circunda. No tocante à organização, temos o visual com uma observação global, se necessário decompõe em partes a percepção inicial, pois tudo lhe é percebido; os auditivos são indivíduos organizados, mas precisam de instruções passo-a-passo, detalhamento da ação, sendo orientado pela linguagem, repetem para si o que devem memorizar; e finalizando esta análise, tem-se o sinestésico, com sua organização gradual, concluindo de forma inusitada para a maioria das outras pessoas.

Desta feita, ao estudar, os visuais devem buscar recursos condizentes com seu estilo de aprendizagem, como as vídeoaulas, desenvolver resumos, anotações, esquemas, desenhos, fluxogramas, mapas, gráficos, afixando-os em locais de fácil visualização como as portas de quartos, armários, computador, assim estarão sempre tendo contato visual, aumentando a chance de aprendizado, lembrar os gestos do professor ao ensinar ajuda a associar com o assunto em questão; ao estudar, procurar criar imagens mentais de fácil lembrança, para quando for necessário a utilização das informações; por fim, importar-se com as leituras que contenham esquemas ou gráficos.

Gravar aulas, palestras, seminários, para ouvir periodicamente; resumir e gravar os resumos que escreveu - preferencialmente antes de dormir, quando a mente está se preparando para o sono é mais propensa à assimilação de conteúdos -, ou logo ao despertar; tomar atitudes mais auditivas nas aulas, anotando menos para absorver mais do falado, fazendo resumos do ouvido depois e gravá-los; quando estudar, ler o texto em voz alta; ficar atento a tudo o que é falado em sala-de-aulas e conversar sobre esses assuntos com os colegas. Essas preocupações devem cercar aos que tem no Estilo de Aprendizado Auditivo sua maior ênfase.

Àqueles, em maior amplitude sinestésica, são facilitados por professores dinâmicos que gesticulam e se movimentam bem durante as aulas, mudam a voz e a inflexão das palavras e utilizam o quadro. Devem estudar lendo em voz alta, gesticulando em consonância com o conteúdo e se movimentando pelo espaço de estudo. Experiências práticas em laboratórios lhes são de grande valia, assim como estudar mudando de lugar sistematicamente, alternando atitudes entre ler e escrever.

Mas o ideal é que todos busquem desenvolver todos os Estilos de Aprendizagem, assim, não importará muito, a metodologia ou a didática empregada em uma aula, pois poderá se valer de toda a sua percepção para o aprendizado.

2.3. Educomunicação: Um Amálgama Cognitivo

Quando Educação e Comunicação se cruzam, realiza-se o que propõe a Educomunicação. Este pensamento consta do Manual de Educomunicação produzido para a II Conferência Infante-Juvenil pelo Meio-Ambiente que ocorreu em Luziânia, Goiás, de 23 a 28 de abril de 2006. (BRASIL, 2008).

Este documento apresenta um lado da Educomunicação. A utilização da Comunicação enquanto ferramenta de aprendizado. Por este viés da ciência, os alunos são desafiados a produzir jornais, rádio-escola, tv-escola, dentre outras peças de mídia e com isso podem aprender e expressar-se para o público, dominando a timidez e adquirindo autoconfiança, exercitando o uso das palavras de forma competente, o que o levará, conseqüentemente, a ouvir seus pares com maior atenção. Afim de que esta comunicação ocorra com eficácia, o aluno precisará dominar um conjunto vocabular amplo, além de competência técnica para manipular equipamentos afins - microfones, gravadores, mesas de som, computadores, câmeras, impressoras... e tantos outros que lhes forem oportunizados. O manual em questão finaliza apresentando o que objetiva com essa experiência em Educomunicação: formar jovens para utilizar a Comunicação como ferramentas de transformação de sonhos em realidade, ganhando autoconfiança e autonomia, intervindo diretamente na realidade em que vivem.

Este artigo trás uma proposta de olhar a Educomunicação em outro viés. Não o do aluno que se vale da comunicação para obter resultados, mas o da instituição de ensino que a utiliza para facilitar o aprendizado do discente. O ponto de partida está na visão crítica sobre a Teleaula, seu formato didático e estético. Mas essa proposta fica para depois que se possa embasar mais nas questões da Educomunicação.

Educomunicação é o inter-relacionamento entre a Educação e a Comunicação, não havendo um sentido definido neste vetor, podendo ter início

e término em qualquer uma das extremidades, Educação fazendo Comunicação, como o caso dos alunos levados a produzir peças de Comunicação a partir de seus conteúdos pedagógicos, ou da Instituição, utilizando as ferramentas de Comunicação para gerar Educação, nosso caso ao discutir a Teleaula.

O Educador Arnaldo Niskier (2001) ao comparar o desenvolvimento da TV em relação ao cinema, mostra que na origem da coexistência das duas mídias, o cinema ainda produzia um maior fascínio entre a população. Diversão, informação e instrução, esses três elementos, com o passar do tempo, e com o advento dos canais por assinatura, migraram para a TV, hoje o veículo mais popularizado globalmente, com canais especializados em entretenimento com filmes, transmissões esportivas, programas musicais, *Reality Shows*, *Talk Shows*, desenhos animados, entre tantas opções. Quanto à informação, o veículo está repleto, não só de canais noticiosos ou de documentários, como as inserções de telejornais nos canais genéricos ou abertos. Mas há uma quantidade razoável de canais Educativos, ou de programas Educativos em canais abertos.

Trazendo essas questões à contextualização percebemos que vivemos em uma sociedade em transformação constante, mas que a cada transformação provoca um aumento na velocidade de transição. Atualmente, a exigência se pauta na interatividade, vivemos um mundo onde a velocidade das decisões implica em sucesso ou fracasso, e a informação rápida e contextualizada se faz de fundamental importância. O indivíduo pós-moderno é refratário à passividade, impõe seu desejo de interação em todos os ambientes, e isso inclui a Educação. Assim, deseja controlar seu processo de aprendizagem, não conjugando, apenas, o verbo ouvir, ler e escrever... Ele quer mais, busca poder gravar, voltar, adiantar, selecionar, tratar, imprimir, receber, enviar, qualquer tipo de mensagem, em qualquer tempo ou lugar. Não há mais ambiente para a Educação Tradicional, ou “Bancária” como já criticava Paulo Freire. Ela deve sofrer transformações para um novo modelo, mais participativo, não mais de transmissão de conteúdo, mas de compartilhamento deste para uma construção colaborativa do conhecimento.

Ainda insistem em existir as salas-de-aulas presenciais com baixa participação oral dos alunos, no que condiz ao conteúdo apresentado de forma unilateralmente enfadonha. Na era da comunicação, da informação, não basta uma sala organizada de forma matricial, um adulto à frente solicitando silêncio para falar durante 50 minutos ininterruptos, escrevendo, quando deseja, em um quadro verde com giz branco. Essa atitude não pode atrair a atenção do aluno em um tempo de Internet, TV a cabo, video-game, e tantas opções participativas e interacionistas entre conteúdo e indivíduo.

Esta época de efervescência tecnológica e interativa fornece um ambiente perfeito para o desenvolvimento de uma nova forma de Educação a Distância, agora mediada pelo computador que, até o momento, ainda se apresenta como a mídia mais interativa, dentre todas as demais eletrônicas. Com relação ao conceito de interatividade, este não é algo atual, sendo já conhecido na área da Comunicação apresentando duas disposições de ocorrência: dialógica, relacionada ao processo emissão-recepção, enquanto antagônicos, porém complementares, na co-criação da comunicação; e a segunda disposição é a da intervenção do receptor no conteúdo da mensagem/programa, que deve

permanecer aberto a alterações e manipulações, constituindo, desta forma, o processo de co-autoria.

Olhando o processo da Comunicação vemos três elementos comuns, seja qual for o desenho estrutural... Emissor-mensagem-receptor. O emissor, na comunicação atual não é mais aquele propositor de mensagens fechadas, mas este passa a oferecer um leque de possibilidades. Já o receptor, saiu da posição de passividade e se fez fundamental à validação da mensagem, que pode e deve ser recomposta, reorganizada e modificada com sua interveniência. Assim torna-se co-autor e a mensagem deixa de ser, simplesmente, emitida e recebida.

Com essa nova estrutura, o docente passa de mero falante à formulador de problemas, provocador de interrogações, coordenador de equipe de trabalho, sistematizador de experiências, propositor do conhecimento à participação ativa, disseminador de um ou outro modo de pensar e inventor de uma nova sala de aulas, tanto presencial, quanto a distância. Uma função muito mais instigante e desafiadora.

Aqui, a fundamentação teórica deste artigo se completa.

Desta feita pode-se passar às questões de caráter prático, iniciando pelos procedimentos metodológicos, descrevendo um pouco das pesquisas bibliográficas e de campo. Para, então seguir com a análise contextualizada dos resultados levantados e consolidados. Finalizando o trabalho, não poderia ficar de fora uma proposta dirigida.

3. Procedimentos Metodológicos

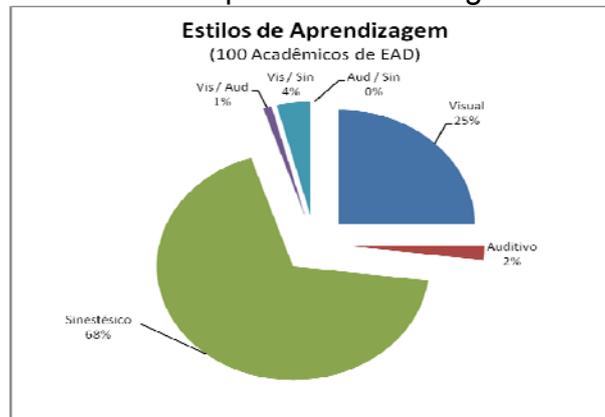
No tocante aos procedimentos metodológicos, foi realizada uma pesquisa de campo apoiada em um questionário adaptado do Curso de Oratória do Instituto Gamaliel <<http://www.institutogamaliel.com/Curso-de-Orat%F3ria.php>>. Para testar sua eficácia apliquei inicialmente em mim e em minha esposa, conhecedor de nossos Estilos de Aprendizagem ficou fácil perceber a consistência do teste.

O resultado aponta minhas características de aprendizado com uma distribuição equilibrada, porém com leve predominância visual, com 39,17%, seguido de auditiva com 31,67% e finalizando com 29,17% sinestésica. Fazendo uma auto-observação percebo-me predominantemente visual, e o lado auditivo vem de um razoável desenvolvimento da Inteligência Musical, uma das estudadas pelo professor Gardner. Ao aplicá-lo em minha esposa, acadêmica de Pedagogia, também na modalidade a distância, outro acerto do teste. Com 45% de predominância no estilo sinestésico, já esperado, seu perfil se completava com 42,5% visual e 12,5% auditivo. Neste caso já se percebe um menor equilíbrio entre os estilos, mas houve caso de se verificar um grande desnível entre os estilos de aprendizado - 65% sinestésico, 27,5% visual e 7,5% auditivo.

Aferido o teste e comprovada sua eficácia em distinguir percentualmente a incidência, em cada estilo, por indivíduo, apliquei-o em um universo mais significativo, ou seja, em mais 98 acadêmicos de graduação e pós-graduação, todos na modalidade a distância. O seguinte resultado foi observado no total de 100 testes aplicados: 68% dos acadêmicos possuem predominância sinestésica; 25% visuais; 4% visuais-sinestésicos; 2% auditivos; 1% auditivo-visual e não aparece na pesquisa o auditivo-sinestésico. Assim 97% dos

acadêmicos estão no grupo dos que possuem predominâncias nos estilos sinestésico e visual, ficando, apenas, 3% nos com referência auditiva.

Graficamente os resultados se apresentam da seguinte forma:



4. Análise Contextualizada

O tema deste artigo faz referência à Teleaula, ou seja, um produto da Educação a Distância com a Educomunicação, uma ciência que vem se desenvolvendo unindo recursos e conceitos da Educação e da Comunicação, sempre com vistas a fornecer aos discentes ferramentas de aprendizado mais condizentes com seu tempo.

Ao contextualizar a Educação no período em que vivemos, ou seja, no nomeado pós-modernismo, podemos perceber uma grande crise estrutural que tem provocado outra, agora conceitual e estrutural, gerando uma terceira, a de modelo. Nela são questionados os arranjos matriciais ou panópticos nas salas-de-aulas, as aulas meramente expositivas, professor como detentor único do saber, conforme crítica freireana à Educação Bancária; ou o concretismo exacerbado que libera o aluno a aprender se desejar, o que desejar, na hora em que desejar, mesmo no seu período de Educação Básica, sem nenhuma orientação na busca da construção do próprio conhecimento, distorcendo a pedagogia piagetiana; ou ainda o tecnicismo desumanizado, implementado pela Ditadura Militar, no Brasil, exclusora das Ciências Sociais, como a Sociologia e a Filosofia, recentemente reintroduzidas à grade curricular obrigatória do Ensino Médio brasileiro. Reintrodução negada por um governo neoliberal, chefiado por um sociólogo durante oito anos de seus dois mandatos, e realizada por seu sucessor, chefe de um governo popular democrático, um operário fabril, torneiro mecânico, líder sindical, que soube dar valor ao preparo à cidadania, já nas Escolas.

Mesmo assim, algo mais é preciso ser feito. Não bastam criações de metodologias, métodos inovadores, rupturas com os anteriores, se não forem alterados os modelos da Educação brasileira. Métodos e metodologias aplicados às Escolas atuais são como - permitam-me o funesto comparativo - maquiagem de um defunto. Aos seus parentes e amigos pode até dar uma exterioridade de vida, mas continua a não passar de um cadáver que precisa ser enterrado ou cremado para não exalar, por sua decomposição, odores desagradáveis e doenças produzidas por bactérias saprófitas - decompositoras de matéria orgânica. A Escola, em seu modelo atual está em decomposição.

O mundo pós-moderno trás consigo a liberdade de pensamento e expressão, permitindo a exposição das inconformidades. Seus

questionamentos agem derrubando paradigmas a muito estabelecidos. Pós-Modernismo niilista, fragmentário, sem valores próprios definidos, se vale de uma estética *retrô*, uma fusão de conceitos anteriormente utilizados até mesmo pelo seu antecessor, o modernismo.

Esta crise, por ele trazida, faz o momento exato para uma revolução na Educação, para sua retirada do atoleiro em que a colocaram, quando a transformaram em reprodutora da sociedade vigente. Educação não é para reproduzir, mas para gerar renovação, e para tanto, deve levar o aluno ao aprender a aprender, a ser partícipe e co-autor da própria construção do conhecimento, dos conceitos e conclusões, suas e do grupo em que vive e se relaciona. Educação é “fábrica” de pensadores críticos, é Ateneu, Liceu, formadora de filósofos para cada área do conhecimento, pois é mais fácil a um filósofo ser, quando necessário, um técnico, que este vir a filosofar e, questionando gerar as transformações necessárias à melhora da vida social.

A ruptura pós-moderna permitiu que várias experimentações fossem realizadas, algumas com sucessos e outras nem tanto. Dentre este *modus operandi* característico do período, um revisitar a Educação a Distância, já muito difundida nas formatações escritas, via correio, em sua primeira geração; radiofônica, na segunda e em uma terceira teletransmitida, unindo o áudio já com a imagem, recurso amplamente utilizado na comunicação do mundo Moderno, potencializado no Pós-Moderno, trazidos às salas-de-aulas, transformadas em telessalas onde os aprendentes participam de aulas ministradas a distância, transmitidas via satélite.

Estas telessalas, não diferem de uma sala-de-aulas presenciais, senão na ausência física do docente. Este, a partir de um estúdio, em outro local, ministra a aula, que é transmitida via satélite, para uma turma espalhada fisicamente em distintas telessalas. Desta feita, o docente a distância precisa ter a mesma preocupação do colega presencial com o potencial biopsicológico de processamento de informações inerente de cada um dos discentes ao planejar e preparar as aulas que irá ministrar. Gosto do termo ministrar devido ao significado de “passar ao domínio de” (HUAIS, 2004), não ficando no mero transmitir o conhecimento, mas de compartilhar o seu domínio com alguém.

Howard Gardner apresenta, inicialmente, oito inteligências distintas, cada uma delas intimamente ligada à faculdade cognitiva de cada indivíduo. Sendo assim, se em cada assunto se buscar uma apresentação que abrace um número maior de inteligências, mais eficaz será a sua ministração, ou seja, o compartilhar, o passar o domínio do conhecimento necessário à prática do futuro profissional, atual acadêmico. Dessa forma será necessário um tratamento à mensagem repassada quanto a seu ponto de entrada, ou seja, a forma como será iniciada a comunicação desta, quais as metáforas ou analogias utilizadas para que não fique longe do sistema simbólico conhecido por cada aprendente, esteja este em qualquer telessala deste país, ou do mundo, de tanta diversidade cultural, até que atinja o núcleo do conteúdo, ponto chave que permitirá ao indivíduo raciocinar e construir seu conhecimento. Não há partitura fixa para a abordagem, só o tema está escrito, cabe a cada docente dar um arranjo que creia ser o mais apropriado àquele momento.

Uma ferramenta que apresento - no estudo de caso originário deste artigo - ao corpo docente, são os Estilos de Aprendizagem, em suas características

sensoriais. Podemos colocá-los como uma operacionalização resumida das Inteligências Múltiplas de Gardner. Uma vez que o indivíduo, a partir de sua práxis social está apto a realizar interpretações, selecionando e organizando os dados disponíveis, construirá seu próprio modelo organizador, ou seja, uma estratégia de aprendizado específica que potencializará seu aprendizado. Estas, através de uma dinâmica cerebral, combinação de percepção, organização e processamento, será decodificada em suas características sensoriais, sejam visuais, auditivas ou sinestésicas. Na referida pesquisa de campo, aplicada a uma centena de acadêmicos de graduação e pós-graduação na modalidade EAD, foi constatada uma grande maioria de indivíduos com estilo de aprendizado sinestésico, somando 68% de incidência, seguidos por 25% de visuais e 4% de visuais-sinestésicos, isto perfaz um total de 97% de acadêmicos que tem sua aprendizagem comprometida por aulas apenas expositivas, com estrutura pedagógica que facilita ao aprendente auditivo em detrimento dos demais.

O interesse neste tema foi despertado ao observar as primeiras aulas do curso de Especialização em EAD, onde o docente era apresentado, quase que o tempo integral da aula em plano americano (PA), atrás de um púlpito falando, e nas poucas vezes em que foram apresentados os slides, estes ficavam expostos tão pouco tempo que não permitia sua cópia, um grande problema àquele acadêmico que não é auditivo, ou seja, à grande e esmagadora maioria dos 97%. A cada slide que não conseguíamos transcrever em nossos cadernos de anotações, um grau de irritabilidade nos era aumentado, assim como a dispersão, até que culminava, por vezes pelo desinteresse total em permanecer na aula, ficando inevitável uma saída da sala para acalmar. Em meu caso - enquanto coordenador de pólo - só me foi possível aproveitar as aulas após estarem disponibilizadas no portal, quando as baixei e assisti em meu computador, podendo pausá-las e montar meus esquemas no caderno, aí sim, produzindo o visual e podendo estar com olhos fixos nele, o falado me foi útil.

É exatamente aqui que precisamos atentar à maneira correta de comunicar. O docente só pode ter a certeza de que sua mensagem foi devidamente ministrada quando há o retorno por parte do discente, o *feedback*. Não lhe enviando um abraço, ou solicitando cumprimentos à sua Telessala, mas discutindo o assunto ministrado na aula. Concordando, discordando, encaminhando informações inerentes à sua região com relação ao exposto na teleaula.

O Emissor em nosso caso é o professor, que sabemos ser um educador amplamente capacitado ao exercício da função, domina os conceitos a serem ministrados e possui boa verbalização. Seguindo o processo temos a Mensagem. Esta é definida em cada disciplina de cada curso, inclusive por currículo mínimo definido pelo MEC, logo, não é problema, também. O veículo de comunicação é a transmissão televisiva via satélite, outro elemento de comunicação que conforme os anteriores não é problema. Mais um elemento desta interação comunicativa é o receptor. "Este está sentado em uma telessala confortável, recebendo a teleaula por uma TV com mais de 29", ou um projetor data show, através de uma transmissão por satélite que, salvo em dias de tempestades, a imagem é de boa qualidade.

Então, onde está o problema?

Na codificação da mensagem.

Ao se ter uma mensagem para codificar, o emissor deve ater-se a todo o contexto da comunicação. Quem é o receptor desta mensagem? Quais os sistemas simbólicos por ele dominados? Qual sua regionalidade? Quais os padrões mais genéricos de vocabulário informal que podem ser introduzidos? Quais os ícones que são pertinentes? E faz necessário lembrar que, elementos visuais são importantes para atingir os não-auditivos, em essência, e a estes como ilustrações à voz. Há a possibilidade de se realizar atividades ou dinâmicas em concomitância com os acadêmicos nas teleaulas, como uma das formas de se atingir os sinestésicos? Durante o período expositivo da aula, há imagens que podem ser utilizadas a fim de potencializar a informação para os visuais? Estas são algumas das questões que se pode responder ao preparar a codificação da aula. Maiores considerações serão feitas na proposta dirigida.

Ação, emoção e informação. Esta é a tríade que se espera de um acadêmico durante e após uma teleaula, e esta só será percebida ao ter uma via de realimentação do processo, através do feedback, aberta para que haja manifestação dos acadêmicos - torno a colocar que, estes devem ser motivados a uma participação mais no conteúdo que meramente social. Os abraços e congratulações podem ficar para o período de despedida dos professores, não que não sejam importantes, mas aparentemente caracterizam que não há discussões propostas pela mensagem ministrada, é o conceito de mensagem transmitida e não ministrada.

O intuito maior de a comunicação ser eficaz é permitir ao discente uma verdadeira vivência da compreensão, possibilitando-o representar o conteúdo ministrado utilizando as metodologias e recursos que lhes estiverem disponíveis ou que este achar mais adequada.

5. Proposta Dirigida

Do que serve um estudo de caso com uma base teórica consistente e uma pesquisa de campo pertinente se a análise de resultados não permitir proposições práticas e dirigidas? Aprendi em meu período de estágio em uma produtora de vídeo, quando na década de 1980 estudava Comunicação Social, que não deveria levar problemas ao meu superior sem, ao menos uma sugestão de solução, mesmo que não muito adequada. Então percebi o que é, realmente, ser crítico, é ter uma idéia prévia do que pode ser feito no lugar daquilo que iremos criticar. Desta forma, passemos à proposta para uma Teleaula que atinja com maior eficácia os 97% dos alunos não-auditivos.

Já aponte que enquanto colocarmos o ministrador da aula em plano americano (PA) – imagem que apresenta o personagem da cintura para cima – apenas falando, só conseguiremos captar a atenção dos auditivos, que não se importando com a imagem, perceberão o áudio para construir sua aprendizagem, e lembro que na pesquisa realizada, os auditivos representam 3% dos alunos pesquisados.

Sabemos - enquanto educadores que somos - que nossos cursos são previamente planejados e nossas aulas preparadas, da pré-escola às pós-graduações em strictu-sensu. Prova irrefutável disso são as apostilas que chegam aos alunos antes da aula ser transmitida ao vivo via satélite. Então, assim como uma equipe de designers gráficos se atentam às apostilas,

paginando-as, diagramando-as, inserindo gráficos, imagens, tabelas, fórmulas, dentre outros ícones para somar ao conteúdo textual, uma equipe de pré-produção pode ater-se à redação de um roteiro de vídeo para a apresentação do conteúdo. Um roteiro que pode introduzir vídeos, imagens externas, experimentações, uma movimentação mais contextualizada do professor que pode interagir com o conteúdo.

Voltando às teorias da Comunicação. O código precisa estar em adequação ao veículo de comunicação utilizado para a condução da mensagem. Do outro lado o nosso acadêmico está com os olhos postos em uma televisão ou em uma projeção multimídia, não a um professor em um tablado com púlpito se valendo destes recursos durante uma aula expositiva. Logo o docente precisa fazer televisão, ser um apresentador de um programa onde terá um determinado conteúdo tratado. Precisa interagir com este conteúdo. Um exemplo clássico desta interação é o filme-desenho Mary Poppins de Walt Disney, onde a protagonista vivida por Julie Andrews e seu partner Dick Van Dyke entram em desenhos feitos a giz nas calçadas de um parque para viverem, juntamente com as crianças de quem é babá, aventuras em um mundo de desenhos animados. Já sei... À esta altura questionam o exemplo, um tanto infantil. Mas então porque não olharmos programas jornalísticos onde o âncora – apresentador – aparece ao lado das imagens apresentadas como os Globo, SBT e Record Repórter? Uhm... Mais uma vez podem achá-los inadequados por serem jornalísticos. Vamos ao cerne da questão. As aulas do Telecurso 2000, onde não apenas a interação com a imagem se faz presente, mas teatralizações auxiliam na ministração da mensagem, é a linguagem adequada ao meio. Agora não pode haver contestação, certo?

Há uma técnica, que todo bom profissional de TV conhece, que é a do Chroma key, onde o estúdio tem seu fundo infinito pintado em uma das cores do RGB – Red, Green, Blue – pontos de luz que formam a imagem televisiva. Antigamente se utilizava o azul, atualmente tem-se optado pelo verde. Este é recortado digitalmente para em seu lugar ser exibida outra imagem. Deve-se atentar que o apresentador e tudo aquilo que for mostrado na imagem ou for objeto a participar da cena, não deverá conter o mesmo tom de verde. Com esta técnica, de execução muito simples, pode-se colocar o professor interagindo com outras imagens previamente gravadas do conteúdo exposto.

Ainda referindo-me às técnicas de produção, as aulas podem ter sua parte conteudística gravadas e editadas utilizando os recursos digitais de produção e pós-produção, gerador de caracteres, computações gráficas, auxiliando com slides animados, contextualizados, afinal, TV não é museu de belas artes, para expor imagens estáticas. Se bem que nos museus, as instalações estão cada vez mais presentes e interativas, principalmente nos de arte moderna e bienais.

Este novo formato de apresentação já terá mais possibilidade de atingir os 97% prejudicados por uma aula para os 3% de auditivos, sem que esses últimos o sejam, logo, potencialmente comunicará, em princípio, com os 100% de acadêmicos em modalidade EAD.

Mas isso não é tudo que pode ser feito para atrair a atenção de um contingente maior de acadêmicos. A contextualização com o dia-a-dia do aluno é de fundamental importância. Ele precisa se ver, não apenas como receptor, mas como ator e autor de seu próprio conhecimento. Vídeos, mesmo que de celular, testemunhais de alunos, podem inseridos nas aulas, sobre

experiências profissionais a compartilhar com os colegas. Neste momento os regionalismos aparecerão, somará ao cabedal de conhecimentos do docente, que se utilizará destes regionalismos para dirigir-se, em especial a alunos dos mais distintos estados brasileiros.

Enfim, o que se percebe é que as teleaulas só são transmitidas por meios tecnológicos, mas continuam dentro de uma pedagogia tradicional e bancária. Não é por ter inserido slides e vídeos que o deixam de ser. Enquanto tivermos púlpitos e exposição simplesmente falada de meio-professor em plano americano, e do outro lado uma telessala matricial, distribuídas em colunas e linhas, ou num semi-círculo panóptico, insistiremos em fazer uma educação bancária freireana. Freire (1992) ainda coloca que o mal não está, de todo, na aula expositiva, mas no tipo de exposição feita pelo docente. O mal está na relação “educador-educando” quando há o sentimento, por parte do educador, de ser exclusivo nesta relação com o educando. Ao não haver uma relação dialógica no ato fundamental do conhecer. Freire critica, também, a aula que anula a capacidade do pensar crítico do aluno, compara-a a cantigas de ninar, onde não há desafios à reflexão. Sugere um curto ato inicial, por parte do professor, onde fará uma pequena introdução ao conteúdo e a seguir lança desafios aos alunos, provoca-os ao questionamento ou autoquestionamento. O professor conclui expondo que a relação extrapola sujeito cognoscente com objeto cognoscível, atingindo o outro sujeito, assim passa a ser esquematizada como sujeito-objeto-sujeito.

Desta feita, a teleaula poderá apresentar uma estrutura onde o docente estará ao vivo em dois momentos, na abertura, onde fará a apresentação do assunto daquele encontro, e no final, quando entrará para responder aos questionamentos postados pelos alunos em um *webmeeting* aberto em cada aula. O restante do tempo da teleaula será utilizado com a apresentação de um vídeo roteirizado e produzido com toda a preocupação em atingir ao maior número de alunos, tanto em seus estilos de aprendizagem, quanto nos sistemas simbólicos regionais em que estão inseridos.

6. Considerações Finais

Não delongarei em minhas considerações finais, pois já o fiz por demais. Porém, não poderia deixar de definir minha situação, enquanto coordenador de pólo presencial em instituição de educação a distância no Brasil.

Há muito que nós educadores buscamos caminhos para a prática educativa ter mais consistência. Há muito tentamos criar e recriar a roda, algo instituído em tempos remotos. Na Idade Média, no interior dos feudos tínhamos a Igreja como instituição de ensino, exclusivamente para servir a nobreza. Os filhos dos servos aprendiam com o que lhes era transmitido por sua família ou pelos oficiais nas manufaturas. As salas de aulas nas igrejas já tinham a disposição matricial, mesmo que em semi-círculo, como em anfiteatros, professores olhando alunos que se colocam uns atrás dos outros em uma clara disposição de submissão ao grande mestre, detentor de todos os conhecimentos. Nota-se que o abandono à cultura clássica fez com que mestre e discípulo parassem de caminhar olhando a natureza e aprendendo junto com ela, como se fazia no tempo de Sócrates, Platão e Aristóteles.

Esta herança medieval acompanhou a Idade Moderna, mesmo com o surgimento do Iluminismo, decretando aquela ser a era das trevas, o modelo acadêmico continuou medieval, monasterial.

Só agora, com o Pós-Modernismo é que podemos, nós, Educadores, tirar a Educação deste atoleiro, e alguém já viu atoleiro limpo? Infelizmente um atoleiro submetido e rendido ao capitalismo, que vê Educação como produto e aluno como cliente. Cliente é freguês e quem o tem é mercearia, e nós não vendemos Educação, nós a compartilhamos, nós a ministramos. No que concerne às presenciais, qual aluno que deseja ser um profissional de qualidade, renomado – o que dá nome às Universidades – e escolhe uma instituição que recebe o rótulo de “pagou-passou”? Esta postura pode render em um primeiro momento, afinal, todos que entram conseguem seus diplomas, sendo assim, os que não conseguem passar nos vestibulares mais concorridos, vão para elas como uma forma de também serem graduados. Com o tempo, essa prática vem à tona e o descrédito, de carona, retira-lhe alunos, assim o fracasso é inevitável.

Educação de nível não pode se atrelar a essa mercantilização da Educação, mas deve destacar-se na habilitação de eminentes profissionais.

Em EAD temos uma vantagem grande sobre as presenciais. Além de podermos oferecer uma Educação de qualidade e “sem fronteiras”, ou seja, termos o Brasil inteiro como uma grande sala-de-aulas e podemos ter os melhores alunos que estão distribuídos por esse país, em locais onde nenhuma instituição de ensino presencial consegue, muitas vezes por ser economicamente inviável, chegar. Esta qualidade evita o êxodo de jovens para os grandes centros, o fazendo, ao permanecer em suas comunidades, promovê-las, participando de seu crescimento sem a aculturação promovida por estes mesmos grandes centros. Logo, a EAD promove um sonho l que ficou marcado com Cândido Rondon, o da integração nacional intregação nacional.

Tenho muita honra em participar deste movimento proposto de mudar no modelo da Educação brasileira, através da EAD. Creio nele.

Muito obrigado pela oportunidade.

7. REFERÊNCIAS

7.1. Bibliográficas

Antunes, Celso.(2000) *As Inteligências Múltiplas e seus Estímulos*. 11. ed. São Paulo:Papirus.

Aranha, Maria Lúcia de Arruda e Martins, Maria Helena Pires. (2003) *Filosofando*. 3. Ed. Revista. São Paulo: Moderna.

Candau, Vera Maria. (2002) *Construir Ecossistemas Educativos – Reinventar a Escola*. In. __ Reinventar a Escola. 3. Ed. Petrópolis: Vozes.

_____. (2007) (org.). *A Didática em Questão*. 27. Ed. Petrópolis: Vozes.

Costa, Cristina. (1998) *Sociologia*. Introdução à Ciência da Sociedade. 2. Ed. São Paulo: Moderna.

Demo, Pedro. (2007) *Sociologia da Educação*. Sociedade e suas oportunidades. Brasília:Plano.

Daniel, John. (2003) *Educação e tecnologia em um mundo globalizado*. Brasília: UNESCO.

-
- Freire, Paulo. (1987) *Pedagogia do Oprimido*. 17.ed. Rio de Janeiro:Paz e Terra.
- _____. (1992) *Pedagogia da Esperança*. Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 2. Ed. Rio de Janeiro:Paz e Terra.
- Gardner, Howard.(2000) *Inteligência*. Um conceito reformulado. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Lakatos, Eva Maria.(1985) *Sociologia Geral*. 5. Ed. São Paulo:Atlas.
- Maar, Wolfgang Leo. *A Indústria (Des)educa(na)cional*: Um Ensaio de Aplicação da Teoria Crítica ao Brasil. In: PUCCI, Bruno (org.). (1995) *Teoria Crítica e Educação*. A questão da formação cultural na Escola de Frankfurt. 2.ed. Petrópolis: Vozes e São Carlos.SP: UFSCar.
- Pimenta, Maria Alzira.(2004) *Comunicação Empresarial*. 4.ed. São Paulo:Alinea.
- Teles, Maria Luiza Silveira. (2001) *Psicodinâmica do Desenvolvimento Humano*. Uma introdução à Psicologia da Educação. 9. Ed. Petrópolis: Vozes.
- Varela, F. et al. (1996) *Embodied mind: cognitive science and human experience*. London:MIT.
- Wall, Paula; Marcusso, Nivaldo; Telles, Marcos. (2006). *Tecnologia e Aprendizagem*. Tópicos de Integração. Vol I. Bases para a Integração da Tecnologia com a Pedagogia. São Paulo: Praxis.

7.2. Webgráficas

- Aguilar, Luís. (2008) *Modelo de aprendizagem de uma língua estrangeira centrado na experiência*. Disponível em:
<http://www.teiaportuguesa.com/metodocentradonaexperiencia.htm>. Consultado: 25/07/2008.
- Brasil. (2006) *Manual de Educomunicação*. Brasília:Min. Educação e Min. Meio Ambiente. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/conferenciainfanto>. Consultado: 25/07/2008.
- Bouyer, Gilbert Cardoso. (2006) *A “nova” Ciência da Cognição e a Fenomenologia: Conexões e Emergências no pensamento de Francisco Varela*. *Ciência & Cognição*. 2006. vol.7. pp.81-104. Disponível:
<http://www.cienciasecognicao.org/pdf/v07/m31678.pdf>. Consultado:25/07/2008.
- Cavellucci, Lia Cristina. (2008) *Estilo de Aprendizagem: em busca das diferenças individuais*. Disponível em:
http://www.iar.unicamp.br/disciplinas/am240_2003/lia/estilos_de_aprendizagem.pdf. Consultado: 25/07/2008.
- Gama, Maria Clara S. Salgado. (2008) *A Teoria das Inteligências Múltiplas e suas implicações para a Educação*. Disponível em:
<http://www.homemdemello.com.br/psicologia/intelmult.html>. Consultado: 25/07/2008.
- Niskier, Arnaldo. (2008) *O direito à tecnologia da esperança*. In Revista CEJ, América do Norte, 2 5 03 2008. Disponível em:
<http://www2.cjf.jus.br/ojs2/index.php/cej/article/view/>. Consultado: 25/07/2008.
- Niskier, Arnaldo. (1996) *Mais perto da Educação a Distância*. In Revista Em Aberto. Brasília, ano 16. N. 70. Abr-Jun.1996. Disponível em:
<http://www.emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1052/954>. Consultado: 25/07/2008.

Silva, Marco. (2008) *Sala de Aula Interativa: A Educação Presencial e a Distância em Sintonia com a Era Digital e com a Cidadania*. Disponível em : <http://www.senac.br/BTS/272/boltec272e.htm>. Consultado: 05/05/2008.

Teixeira, Gilberto.(2005) *O estilo de aprendizagem individual*. Disponível em: <http://www.serprofessoruniversitario.pro.br/ler.php?modulo=8&texto=320>. Consultado: 25 jul. 2008.